

No Bom Fim, não era raro ver mães correndo atrás dos inapetentes filhos com um prato de comida em plena rua

## O ocaso da mãe judia

**A** Internet está recuperando o peculiar humor judaico. Através da rede, historietas, algumas antigas, outras novas, voltaram a circular, agora reportando-se a uma realidade que os imigrantes recém-chegados à América não conheciam. Uma recente anedota conta que, no aniversário da matriarca da família, os filhos, prósperos profissionais, resolveram comemorar à altura. Um deu-lhe um Mercedes, outro um home-theater. O terceiro resolveu inovar: seu presente era um papagaio, importado do Brasil, e capaz de recitar passagens inteiras da Bíblia. No dia da festa, os três perguntaram à mãe o que tinha achado dos presentes. Ela confessou que não gostara muito: não sabia dirigir automóvel, não era muito chegada a home-theater. E aí seu rosto se iluminou:

– Mas aquela galinha esverdeada, importada do Brasil, estava deliciosa!

Existe aí um equívoco, além daquele que vitimou o pobre papagaio: mãe judia que se preze nunca comeria sem dividir o alimento com os filhos. Emerge então a inquietante pergunta: será que na época dos Mercedes e home-theaters ainda existe lugar para a mãe judia?

Devemos dizer, antes de mais nada, que, ao falar da mãe judia, estamos falando de uma instituição antiga. Os hebreus bíblicos formavam uma sociedade tribal e patriarcal, mas havia nela lugar para matriarcas: Sara, Rebeca, Lea, Raquel desempenharam importante papel na história hebraica. E agora

vejam a coincidência: um recente estudo genético mostra que cerca de 40% dos judeus ashkenazim, um dos dois ramos que compõem o judaísmo (o outro é o dos sefaradim, judeus da antiga península ibérica, Turquia, Grécia e norte da África) descendem de apenas quatro mulheres; ou seja, existiram de fato quatro matriarcas, senão aquelas, então outras. O que não é de estranhar num grupo que ao longo da História foi mantido, e manteve-se, isolado.

A mãe judia que figura nas historietas não é, porém, a matriarca bíblica. É uma criação da diáspora, e de uma particular diáspora, aquela da Europa Oriental no século 19 e começo do século 20. Os

judeus viviam então no shtetl, a pequena e pobre aldeia retratada em filmes como *O Violinista no Telhado*. O chefe de família tinha uma profissão humilde: era alfaiate, ou leiteiro, ou sapateiro, ou pequeno agricultor. Qualquer que fosse sua ocupação ele a desenvolvia fora de casa. Esta – e a família, quase sempre numerosa – ficavam entregues à mãe. Que não tardou a desenvolver um perfil próprio, o perfil de uma mulher ansiosa, superprotetora, alimentadora.

Qualificativos explicáveis. Razões para ansiedade não faltavam: a pobreza, a doença, a ameaça constante dos progroms. A superproteção vem daí, da precariedade desta existência. Proteger significava cuidar, abrigar, defender – mas significava sobretudo alimentar. A ameaça de fome era real, como o era a ameaça das doenças associadas à desnutrição. Por isso a magreza era temida: podia ser o prenúncio da tuberculose, a peste branca que dizimava os habitantes do shtetl.

Ao emigrar para a América os judeus mantiveram este modelo. No Lower East Side, de Nova York, no Once, de Buenos Aires, no Bom Retiro, de São Paulo, no Bom Fim de Porto Alegre, o modo de vida do shtetl foi por longo tempo preservado. O pai judeu continuava sendo o alfaiate, o marceneiro, o pequeno lojista; a mãe judia continuava sendo a ansiosa superprotetora e alimentadora. No Bom Fim, não era raro ver mães correndo atrás dos inapetentes filhos com um prato de comida em plena rua.

A mãe alimentadora acabava fomentando a fixação edipiana dos judeuzinhos, e não é de admirar que a psicanálise tenha lançado tão fortes raízes nas comunidades judaicas. Na minha geração todos se analisavam; psicanálise é, aliás, o ponto de partida para *O Complexo de Portnoy*, de Philip Roth, publicado em 1969. O protagonista-narrador vive atormentado pela mãe, a ultrapossessiva e sempre vigilante Sophie. Portnoy foge como pode: durante a adolescência, diz, “eu passava a metade do tempo fechado no banheiro”, entregue, naturalmente, à masturbação. Estes e outros detalhes soaram para os leitores como verdadeiro ultraje, e o livro transformou-se num escândalo, mas Roth manteve-se firme. O jovem judeu com pai e mãe vivos, diz ele, tem sempre 14 anos e continuará tendo 14 anos até que eles morram.

Mas esse tipo de mãe judia está desaparecendo, e isso por várias razões. Em primeiro lugar, porque as mulheres mudaram. Cultas, informadas, muitas vezes analisadas, elas já não se deixam dominar pela ansiedade. Da mesma maneira mudou o estilo de vida das pessoas. O problema hoje é a obesidade, e não a desnutrição; as doenças cardíacas, não a tuberculose. Alertada contra os riscos do excesso de peso, as mães já não são alimentadoras e nem superprotetoras. Elas podem correr no parque, de tênis e camiseta, mas já não correrão atrás dos filhos com um prato de sopa. É bom para as mães, é bom para os filhos. Portnoy hoje já não precisaria se trancar no banheiro.



Edu, Arte ZH



## Neste Dia das Mães prove que seu amor não tem fim.

**ARMAZENE AS CÉLULAS-TRONCO DO CORDÃO UMBILICAL DO SEU BEBÊ.**

Responsável técnico: Dr. Dario Brum CRM 15024

 **HemoCord** supera

Av. Carlos Gomes, 1610 - cjts. 101/102 - Porto Alegre - RS  
Fone (51) 3019.3450 - Plantão (51) 8146.8150

[www.hemocord.com.br](http://www.hemocord.com.br)